

# **MATO GROSSO DO SUL: DESTINOS ECONÔMICOS E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO REGIONAL (1950-1980)**

Aldonei da Silva Lopes<sup>1</sup>

## **1 - OS DESTINOS ECONÔMICOS DO MATO GROSSO**

Em termos de identidade nacional, nenhum Estado da federação pode ser comparado mais ao Brasil do que o Estado de Mato Grosso. Apresentando-se historicamente com uma vocação essencialmente voltada para o setor primário da economia, desde o período colonial, Mato Grosso se delineou em cima da atividade mineradora, num panorama em que se redesenham novas proposituras de ocupação do interior do país.

A formação de núcleos urbanos já é visível no Mato Grosso a partir da descoberta de veios auríferos na região de Cuiabá. As novas minas provocam intensos fluxos migratórios de ocupação dos garimpos e exploração econômica.

É importante salientar que a região antes ocupada pelo Mato Grosso, apresentava disparidades regionais entre o norte (hoje Mato Grosso) e o sul (atual Mato Grosso do Sul). Essas disparidades estão presentes a partir da constituição do solo, fauna e flora, bem como

---

<sup>1</sup> Doutorando em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor da Universidade Católica de Dom Bosco - UCDB.

da especialização econômica diferenciada, onde o norte minerador se diferiu do sul, área apenas de passagem para aquele importante centro minerador.

As primeiras análises sobre estas diferenças partem de um historiador pioneiro e dosadas de paixão.

As disparidades geográficas descritas pelo autor contribuíram como facilidades ou impedimentos a uma maior integração. A maior integração entre o que hoje são os dois Estados foi facilitada por caminhos naturais formados pelos rios, com privilégio da parte sul, pela própria natureza de sua hidrografia, que apresentou melhores condições de navegação, já que os rios menos caudalosos e com poucas cachoeiras, ofereciam condições essenciais à navegabilidade artesanal.

Desde 1600, bandeirantes percorreram a região de Mato Grosso do Sul, seguindo o curso dos rios Brillhante e Jaraguari.

A ocupação do Mato Grosso foi realizada por faiscadores já no século XVII, quando adentraram a região com o objetivo de se dirigir para Cuiabá. Pessoal de origem mestiça, os garimpeiros ocupavam o oeste a partir do rio Ivinhema, oriundos dos rios Paranapanema e Paraná. Porém é no século XVIII que se evidencia a descoberta de grande volume de ouro no rio Cuiabá, surgindo então verdadeiras aventuras através de “*canoadas*” em direção ao norte, distante mais de 500 léguas.

O processo de ocupação econômica e demográfica do Mato Grosso tem início a partir de preocupações nacionais, objetivando suprir vazios populacionais e proporcionar a integração do norte minerador ao Império Brasileiro, garantindo desta forma a presença da soberania nacional até os limites dos países vizinhos.

A grande preocupação de Dom Pedro II sempre foi marcada pela necessidade de manter a integridade territorial do país, um pouco abalada no pós-guerra com o Paraguai.

Porém, dificuldades de comunicação sempre marcaram o Mato Grosso, representadas por vias integrativas que o unissem ao restante do país. É importante evidenciar-se que o caminho mais seguro, porém mais demorado, era o curso do rio Paraguai, descendo-se do Rio de Janeiro até a bacia do Prata e subindo até Cuiabá por via marítimo-fluvial.

Alguns núcleos urbanos surgidos no sul de Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul) estiveram ligados a atividades comerciais, abastecedoras e extrativistas. A existência dos núcleos urbanos tornou-se possível graças a criação da Companhia de Viação São Paulo-Mato Grosso, que abrigava seis pousos, numa distância de 120 km pela estrada boiadeira que ligava Indiana (São Paulo) e servia para escoamento de gado.

Percebe-se a especialização econômica em cada região, onde o norte minerador era sustentado pela atividade comercial de gêneros alimentícios e o sul pela pecuária regional, sendo essas atividades o esteio econômico de Mato Grosso.

Assim, ao sul de Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul) tem-se uma atividade econômica fundamentalmente assentada na pecuária, desenvolvida historicamente por famílias de migrantes do Triângulo Mineiro e do Estado de São Paulo, que aqui se estabeleceram no final do século XIX.

No início do período republicano, a partir de 1907 as comunicações são melhoradas com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, ligando o oeste paulista ao Mato Grosso indo até os países vizinhos. Duas bacias fluviais importantes estão totalmente ligadas, as bacias do Paraná e do Paraguai.

## 2 - A VOCAÇÃO AGROPECUÁRIA DE MATO GROSSO DO SUL

A pecuária marcou presença no cenário econômico de Mato Grosso do Sul, principalmente no período de pós-guerra com o Paraguai, sendo desta forma responsável pelo alto grau de ocupação territorial. Essa atividade econômica concorre com o surto agrícola representado numa primeira fase pelo desenvolvimento da agricultura de produtos diversificados para consumo local e excedentes exportáveis e, numa segunda, o “boom” da soja na década de 1970. A pecuária passou a ser nas décadas de 1970 e 1980 a segunda atividade econômica de Mato Grosso do Sul em captação de recursos econômicos e índices numéricos de mão-de-obra empregada.

A atividade pecuarista, iniciada comercialmente no final do século XVII, arregimentou gado bravio que permanecia no cerrado, deixado pela anterior ocupação jesuítica, aliando a atividade criatória com espécies trazidas de Minas Gerais e São Paulo pelos colonizadores.

No final do século XVIII e início do século XIX, diversos núcleos urbanos surgiram, ligados à economia pecuarista, principalmente no que é hoje a microrregião “*Campos de Vacaria e Mata de Dourados*”. Embora, no norte de Mato Grosso, a pecuária e a agricultura de subsistência tenham se desenvolvido significativamente a partir da crise da mineração, é ao sul de Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul) que há maior desenvolvimento. Funcionando como área de passagem por ocasião do ciclo aurífero no pós-guerra da Tríplice Aliança, a pecuária passou a ser a atividade fundamental e abastecedora dos centros urbanos consumidores e mercados de outros Estados da Federação.

O acirramento da pecuária no sul de Mato Grosso foi possível graças às extensas regiões de campinas descobertas (Campos de

Vacaria), bem como pelo incentivo governamental que estimulou as migrações, objetivando garantir a integridade do território brasileiro.

O que surge ao norte e ao sul do estado de Mato Grosso como atividade econômica alternativa tornou-se ao longo do século XX a própria expressão de sobrevivência econômica e social da população mato-grossense.

A agricultura mato-grossense se caracterizou primordialmente pela produção minifundiária iniciada desde o período colonial com o objetivo de suprir o consumo básico das áreas auríferas do norte.

Ao sul de Mato Grosso esta atividade veio para suprir o difícil abastecimento das fazendas de gado e dos nascentes núcleos urbanos a elas ligados. A tradição minifundiária, na qual se desenvolveu a agricultura polivalente é mantida e estimulada durante o Estado Novo, que operacionalizou inúmeras colônias agrícolas na região conhecida atualmente como “*Grande Dourados*”. O estímulo provocou uma “*marcha para oeste*”, projetada na obra de Cassiano Ricardo.

### **3 - A FRONTEIRA AGRÍCOLA DA SOJA**

A agricultura com modernas técnicas de produção capitalista tendo como núcleo organizacional o emprego da mecanização e mão-de-obra assalariada é introduzida no Mato Grosso entre as décadas de 1950 (antes de 1950 a fronteira tinha um aspecto pré-capitalista em transição para a capitalista), 1970 e 1980, tendo como maior representação a expansão da fronteira agrícola da soja.

No Mato Grosso do Sul, o desenvolvimento da sojeicultura trouxe reflexos positivos, que contribuíram para o desenvolvimento econômico do estado no processo produtivo que tornou o Brasil auto-suficiente e o maior produtor mundial de soja, com um total de 14,5

milhões de toneladas, cultivadas numa área de aproximadamente oito milhões de hectares.

A dinâmica de expansão da fronteira agrícola pode ser avaliada por dois ângulos; um de ordem nacional, representado pelo estímulo à produção contido nos programas oficiais de fomento; outro de ordem internacional, representado pela grande demanda do produto no mercado externo. Assim se efetiva a grande procura por áreas, onde a oferta de terras a baixos custos e subsídios, além de garantia de preços mínimos, provoca a intensa corrida migratória em direção aos Estados do Paraná, onde a sojeicultura é marcante e de Mato Grosso do Sul, que se tornou na década de 1980, o segundo produtor brasileiro.

#### **4 - O PAPEL DA SOJEICULTURA NO MATO GROSSO DO SUL E SUA RELAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO**

A sojeicultura sul-mato-grossense traz no seu bojo um processo de significativas mudanças sócio-econômicas e culturais ao sul do Estado, tais como: alterações estruturais na propriedade, formação e desenvolvimento dos núcleos urbanos, emprego de mão-de-obra qualificada, desemprego no campo, escassez de gêneros alimentícios básicos, aumento geral de preços dos alimentos oriundos da agricultura diversificada e crescimento demográfico acentuado, êxodo rural e formação de bolsões de miséria na periferia das cidades.

O economista francês LECLERCQ visualizou a crise, a que chamou "*Crise tripla da economia da soja no Brasil*". Para o autor esta crise emerge de um contexto de grande sucesso comercial no Brasil, iniciado na década de 1970 e é produto da euforia individual pela

oleaginosa, que atingiu as economias do Terceiro Mundo e objetivaram principalmente a exportação. A crise ainda é *financeira*, no momento em que são redefinidos os mecanismos da política agrícola de ajuste ao Fundo Monetário Internacional (FMI), também é de *regulação*, refletindo a instabilidade do mercado internacional e as contradições da política agroeconômica brasileira. A crise é *social*, porque houve aceleração do êxodo rural, concentração de terra, desemprego urbano e queda do mercado interno.

Mato Grosso do Sul, de certa forma sofreu este impacto, embora a economia da soja tenha produzido investimentos elevados, levando o setor público a efetivar projetos de instalação para estocagem a fim de atender a oferta de alta produtividade. Embora se tenha observado todos os problemas decorrentes da sojeicultura, Mato Grosso do Sul tornou-se uma unidade federativa de grande expressividade econômica para o país. Os resultados do desenvolvimento econômico são visíveis e expressos por indicadores de ordem sócio-econômica e infra-estruturais, levantados pelas inúmeras Fundações, Institutos de Pesquisas, censos agropecuários e demográficos.

## 5 - CONCLUSÃO

O desenvolvimento econômico e social do Mato Grosso do Sul foi visível a partir da década de 1970, porém levanta uma série de questões a serem melhor explicadas pelos historiadores da história sócio-econômica e da própria economia aplicada ao desenvolvimento. A principal questão entre elas, está no levantamento, análise e discussão sobre os efeitos do deslocamento da fronteira agrícola para os Estados de Mato Grosso e Rondônia, sul dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí e norte do Estado de Tocantins, fator que provocou vazios econômicos nas áreas de onde saiu, representados por

problemas de dificuldade de absorção da mão-de-obra, dificuldades de adaptação de áreas agrícolas à atividade pecuária e agricultura diversificada.

Estes problemas básicos referentes à dinâmica de expansão da fronteira agrícola provocou outros de ordem social e econômica, como a queda de arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), dificultando o setor público a investir em programas sociais como: desemprego no campo; crescimento do processo de marginalização do homem do campo, pela sua exclusão do cenário produtivo, o que gerou maior demanda por programas paternalistas oriundos da administração pública para a manutenção de uma situação social grave.

Muito deve ser pesquisado ainda, para que se tenha uma real versão dos fins dramáticos do desenvolvimento econômico, que certamente beneficia algumas classes sociais em detrimento da grande maioria da sociedade. Como preconizou WILKINSON, a pior fase do processo de desenvolvimento econômico é a geração de miséria, porque o próprio desenvolvimento, ao nascer da miséria e defasagem tecnológica, induz a formação de benefícios restritos à classe economicamente mais forte.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABREU, Dióres Santos. Comunicações entre o sul de Mato Grosso e o sudoeste de São Paulo: comércio do gado. In: *Revista de História*, Rio de Janeiro : [s.ed], 53 (105) [191-214], mar. 1976.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE REFORMA AGRÁRIA. *Boletins*, ano IV, n. 01, jan./fev. 1974.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. I Simpósio Nacional da Soja. Porto Alegre, *Anais...* 1975.

- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de 1970*. Rio de Janeiro : IBGE, 1980.
- GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História dos municípios*. Campo Grande : Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1992. vol. 1.
- LECLERCQ, Vincent. Crises e perspectivas da economia da soja no Brasil. In: *Revista Indicadores Econômicos*, Porto Alegre : FEE, 12(1) [221-251], 1992.
- MATOS, Marialice Pavam de. *Soja - a mais importante oleaginosa da agricultura moderna*. São Paulo : Ícone, 1978.
- RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1970. (2 volumes).
- SILVA, José de Melo. *Canaã do Oeste: sul de Mato Grosso*. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional.
- WILKINSON, Richard. *Pobreza e progresso: um modelo ecológico de desenvolvimento*. Rio de Janeiro : Zahar, 1974.